

PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS PROSTITUTAS DO CENTRO DE FORTALEZA: SEXO, DROGAS E DANÇA

Camila Saraiva de Matos

Universidade Federal do Ceará (UFC)

José Gerardo Vasconcelos

Universidade Federal do Ceará (UFC)

“Não consigo sentir prazer na hora do sexo, procuro pensar em outra coisa na hora — o pagamento, por exemplo”, diz Thaís, 21 anos.

“Às vezes consigo gozar, tem uns clientes que são carinhosos.” Ana, 22 anos.

“O prazer é no final, quando recebo o cachê”. Susy, 25 anos.

“vida fácil, nem tanto, tem gente que diz a nossa vida é fácil, mas não é. A nossa vida é muito difícil”, desabafa Ana, 24 anos.

“Já fui viciada em pó. Hoje frequento um grupo dos Narcóticos Anônimos” Dani, 29 anos.

“Não consigo entender como essas meninas não se valorizam. Eu só danço no palco. Não faço mais programa”. Paula, 40 anos.

“Não preciso me deitar com ninguém. Só pela dança tiro meu sustento” Letícia, 23 anos.

O universo da prostituição não abriga apenas o prazer e a sensualidade proporcionada pela dança. Nas declarações de algumas garotas de programa observa-se a dura realidade de suas vidas. São inúmeros os meios para se contratar uma

prostituta, e a cada encontro nenhuma delas sabe ao certo o que acontecerá.

O gerente de uma casa do centro da cidade que fora entrevistado em dezembro de 2010, também acha que é muito arriscado, elas nunca sabem quem vão encontrar pela frente. Débora afirma que não gostava de colocar anúncio no jornal, para ela é muito perigoso, tenho medo. Aqui pelo menos tem muita gente, se acontecer alguma coisa comigo vão logo ficar sabendo.

Amanda mesmo achando arriscado, planeja.

Eu acho que eu vou colocar anúncio no jornal, mas tenho que arranjar um lugar pra levar os clientes. Aqui não, porque se eu trouxer pra cá as meninas tomam, e lá em casa não dá, né? Com meu filho lá? Não tem condições.

Drogas, álcool, violência e discriminação fazem parte desse universo. Numa das casas de prostituição visitadas, a uso de drogas era explícito, e várias garotas ‘precisavam’ para que pudessem ‘aguentar’. Para suportar a noite que acabara de iniciar e que poderia ser rentável ou não.

Uma nova característica do estereótipo da prostituta no século XX tem sido a imagem da “prostituta drogada” — a mulher dependente de droga, vítima potencial, que comercializa o sexo para sustentar o seu vício (ROBERTS, p.391).

Contando um pedacinho de sua história Gabriela diz como foi seu ingresso no mercado do sexo e fala sobre drogas,

Comecei a me prostituir em 1999, com 15 anos de idade. Eu fugia da aula pra fazer programa. A cafetina me

escondia no bar. Mas ela tinha a proteção da polícia. Ela conseguia os clientes e ficava com a maior parte do dinheiro. Com ela eu aprendi a beber, a fumar maconha e a cheirar cocaína. Acabei me viciando em cocaína. Hoje consegui deixar o vício. Participo do grupo dos Narcóticos Anônimos.

Mesmo em meio a esse cenário, ROBERTS defende:

Não obstante, saltar para a conclusão de que a prostituta “típica” é uma viciada em heroína será um erro: Dado o uso difundido das drogas na sociedade, duvidamos de que haja muita diferença na percentagem de mulheres prostitutas viciadas em drogas e na percentagem de outras pessoas viciadas em drogas.” (p.391)

Existem muitos tipos de pessoas levando dessa forma a vários tipos prostitutas. Em seus estudos, Sousa obteve de uma prostituta seguinte declaração: “Existe a prostituta pra se drogar, existe a que se droga pra se prostituir.”

Quando conversava com Amanda sobre a possibilidade de sair da prostituição ela respondeu:

É mais fácil sair quando não é viciada. Eu, por exemplo, sou viciada em bebida. Eu bebo muito. Não vou trabalhar a noite porque eu sei que eu vou beber muito. Às vezes os clientes pagam bebida pra gente, mas se quando não tenho cliente pra pagar eu acabo gastando meu dinheiro.

Nas casas que frequentamos para realizar esse estudo, o streep estava associado à prostituição e a dança do poste incentiva as jovens a cuidarem mais do corpo.

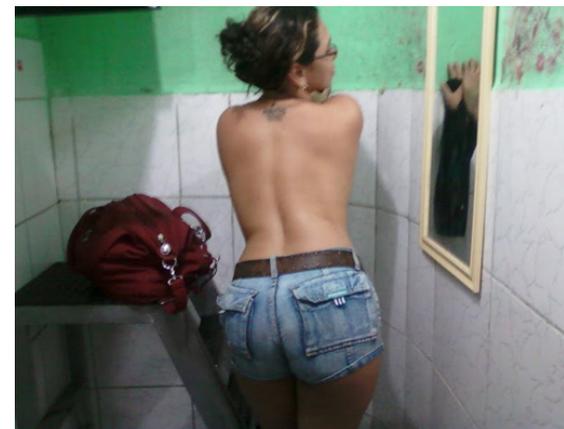


Figura 1: Garota de programa que atua no Centro de Fortaleza

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#AlbumZoom?gwt=1&uid=17699136213577214959&aid=1291654951&pid=1292266395325>. Acesso em 22.01.2011.

A dança, ou seja, o streep melhorou muito, pois ajuda as meninas a ter certa disciplina, induz a não beber, não se drogar, a cuidar mais do corpo, né? Quando eu não dançava, eu bebia muito, meu corpo era horrível. (Aline)

Amanda e Gabriela também praticam outra atividade física, a musculação, que contribui para o bem estar físico e mental.

Nesse meio nunca se sabe, nada é certo, tudo é um risco. O preservativo, como as propagandas pregam, não é determinante para um sexo seguro.

Grande parte dos clientes que procuram os serviços dessas garotas são casados. Amanda e Laura já usaram o estado civil de clientes como escudo: *Várias pessoas da minha rua já me viram lá* (se referindo ao local de prostituição),

mas como era casados não podiam falar nada. Eu não digo no meu bairro que faço programa, mas já vi um monte de gente de lá. (Amanda).

Uma vez eu encontrei um vizinho meu. Ele é casado. Eu não falei nada. E ele também não podia falar, porque a mulher dele não podia saber que ele frequentava (Laura).

Em um contato com Laura, uma prostituta do Centro da cidade, próximo a um dos principais pontos estudados durante a pesquisa encontramos algo surpreendente. Para nossa satisfação ela também havia marcado com outras garotas, que nós não conhecíamos, e ao se aproximarem surge o comentário: “Quem vê assim nem parece que é puta”, Grazielle, 22 anos.

Nesse comentário ela se referia às vestimentas de Laura*, 27 anos. Ela usava uma calça preta e uma camiseta da mesma cor. Sandália baixa. Não usava maquiagem. As demais estavam com roupas minimalistas.

As meninas estavam em frente ao local de prostituição, onde também funciona um sex shop. Adentrando o território da prostituição, encontramos rostos conhecidos e outros novos. Algo que sempre esteve presente em minhas observações foi essa questão. Sempre há novas meninas no mercado. Mesmo que a sociedade considere a prostituição como algo sujo e maléfico, na oferta desse serviço sempre há novidade.

Ademais, os padrões que ele incorporou da sociedade maior tornam-no intimamente suscetível ao que os outros vêem como seu defeito, levando-o inevitavelmente, mesmo

que em alguns poucos momentos, a concordar que, na verdade, ele ficou abaixo do que realmente deveria ser. (Goffman, p.17)

Os clientes, das casas estudadas, que não conheciam as pesquisadoras de Iniciação Científica, achavam sempre que iam fazer programa. Afinal, o que uma mulher vai fazer num local onde o sexo impera. Um local onde o cheiro de prazer exala pelo salão. A facilidade de exposição do corpo circulando em todos os pontos do referido estabelecimento. Bem, nós tínhamos uma pesquisa à fazer. Com um tempo, nós já estávamos acostumados, até nos divertíamos com a situação.

As garotas da casa olharam as “rivais” dos pés à cabeça. Elas se sentem ameaçadas com a presença de novas garotas. Laura entrou numa espécie de camarim e foi se produzir para a noite.

Enquanto isso, aproveitamos para conversar com o gerente da casa. Ele logo me deu notícias de Carol, uma garota de programa que conhecemos antes de iniciar a pesquisa,

Lembra da Carol, uma loirinha? Eu falei que sim. Ela agora é trocadora, saiu dessa vida. Arranjou um namorado. Toda tarde ela tá lá, na topic, e a noite ela faz um curso de enfermagem.

Carol saiu da prostituição. Pode ser que ela volte, pode ser que não. Muitas voltam. O gerente do local deu a sua opinião a respeito:

É muito difícil. Elas se acomodam. Chegam aqui, ganham dinheiro fácil e gastam fácil também. Tem dia

que apuram 100, 150, 200, mas tem dia que só ganham 30, 50. O problema é que elas se acomodam.

Nessa hora comentamos com ele que muitas das meninas que conhecemos há uns quatro anos atrás continuam na prostituição. E ele completou:

É, poucas conseguem sair. Mas qualquer dinheiro que elas ganham fora da prostituição é mais digno. Tinha uma menina que trabalhava aqui no bar. Ganhava um salário. Quando foi um dia ela resolveu ir pra um quarto com um cliente, e agora tá fazendo programa, ela viu que podia ganhar mais e acabou pedindo as contas. Durante a conversa a dançarina da noite chegou. Num primeiro momento eu realmente achei que ela não era prostituta. O rostinho de anjo escondia a fera que existia nos seus quadris. Constatamos isso durante a dança.

Dançou. Pegou o dinheiro e foi embora.

Outro aspecto que me causava curiosidade era o relacionamento amoroso entre essas mulheres.

Laura quando indagada sobre namorados:

Eu nunca arranjei namorado, acredita? Eu tava ficando com um rapaz aí, mas era só por interesse. Não era por dinheiro, era porque eu queria que ele arranjasse um emprego pra mim. Dei o meu currículo pra ele. E tava saindo pra ele me ajudar. Mas nem valeu a pena. Ele não arranjou foi nada.

Perguntei então se ele sabia que ela fazia programa, a resposta foi:

No começo não. Mas parece uma coisa, toda vida ele me via na Pedro I. Só me via naquela rua passando. Eu dizia q ia visitar uma amiga minha, que eu realmente tenho uma amiga que mora por ali. Mas um dia ele me viu saído do motel com um velhinho. Ele perguntou e eu disse que não era programa não. Mas Acho que o velho contou pra ele (risos). Depois ele ficou me ligando e eu não atendia. Não gostava dele. Era como um cliente. Só queria o emprego mesmo.

Ainda sobre possíveis namorados ouvi essas declarações:

Nunca mais arrumei um namorado fixo. Tenho medo que algo possa acontecer a elas. Isso não quer dizer que não possa sentir atração por algum cliente. Tem alguns clientes que me despertam grande atração sexual. Chego mesmo a gozar com alguns. (Gabriela)

Quando um cara conhece a gente aqui, ele não trata como namorada. Ele não tem tanto respeito. Acha que pode fazer qualquer coisa com a gente. (Amanda)

Foi difícil arranjar um namoro sério. Quando conheci o meu atual marido eu já trabalhava com isso. Mas eu só disse depois. Ainda bem que ele entendeu. Engravi-dei e estamos juntos até hoje. (Luci)

É um pouco complicado, pois muitos não querem namorar, imagina com uma garota de programa, mas consegui sim permanecer em um relacionamento sério, precisa de uma pessoa compreensiva e que saiba que é só o meu trabalho. (Aline)

Algo que foi observado nos espaços pesquisado, e que é muito comum entre as meninas, o relacionamento amoroso entre elas. Relações homoafetivas são fre-

quentes entre as profissionais do sexo. Uma parcela significativa já experimentaram relacionamentos amorosos entre si.

Sabe-se que para qualquer mulher que tenha filho é mais complicado arranjar um companheiro, e para as prostitutas isso não é diferente. A profissão que elas exercem dificulta um pouco mais a aproximação de homens com interesse em compromisso.

Concordo com Roberts quando ela fala que “A prostituição é um trabalho difícil, tanto em termos físicos quanto emocionais.” (p. 391). Todavia o sentido mais apurado da prostituição, provavelmente tenha sido descrito pelo Marquês libertino, o Marques de Sade.

Para Sade (2003, p. 36 e 37) as prostitutas:

São felizes e respeitáveis criaturas que a opinião difama, mas a volúpia coroa; e quem, bem mais necessária à sociedade do que as recatadas têm a coragem de sacrificar, para servi-la, a consideração que esta sociedade ousa lhes tirar injustamente. Vivam as que se sentem honradas com este título.

Referências

ADLER, Laure. A Vida cotidiana: os bordeis franceses — 1830/1930. São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991.

BENJAMIN, Walter. *A Imagem de Proust*. In. Obras Escolhidas — Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 36 — 49.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória* — Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 204p.

CASTORIADIS, Cornélius. *Feito e a ser feito* — As encruzilhadas do labirinto V. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 304p

CASTRO, Ricardo Vieira Alves. Representações Sociais da Prostituição na cidade do Rio de Janeiro. In. SPINK, Mary (Org.) O conhecimento no cotidiano — as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 1993.

CHALEIL, Max. *Lês Corpsprostitué-Essai*. Paris. Ed. Galilé, 1981.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238p.

História da sexualidade 2 — o uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Graal, 1990.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 322p.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. 4ª.edição. Rio de Janeiro, RJ. Editora Guanabara, 1988.

GUEDES, Mardônio. *Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930 — 1940)*. In. *Gênero*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (coleção fortaleza: história e cotidiano).

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MALINOWSKI, Bronislaw. *A Vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia*: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobriand (Nova Guiné Britânica). Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

NIETZSCHE, F. *Considerações extemporâneas*. São Paulo : Abril Cultural, 1983a. p.53-81. (Coleção Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich. *Para a genealogia da moral*. São Paulo: Abril Cultural, 1983a. (Coleção Os Pensadores).

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da noite — prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 — 1930)*. São Paulo, Paz e Terra, 1991.

SOUSA, Francisca Ilnar. A Função social da prostituta. In *Revista Educação em Debate*, Ano 17/18, nº 29, 30, 31e 32. Fortaleza, 1995.

SUQUET, Annie. O Corpo dançante: um laboratório da percepção. In. *História do Corpo* Courtine e Georges Vigarello. Petrópolis: Vozes, 2008. pp. 509-540.

BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM CRÍTICA

Júlia Érika Moreira Bastos

Universidade Estadual do Ceará — UECE

Um Pouco da História da Educação

O autor nos traz uma abordagem crítica sobre a História da Educação e é a partir dela que iremos expor o conteúdo deste trabalho. Nesse sentido, falar de História da Educação é também falar sobre trabalho. Vejamos o porquê.

■ FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E ONTOLÓGICOS

Dermeval Saviani, em seu artigo “Trabalho e educação: fundamentos ontológicos-históricos”¹, nos expõe de forma bastante didática o desenvolver de teorias que nos chamam à atenção para questões fundamentais inicialmente, a respeito do envolvimento entre aquelas duas atividades estritamente humanas. Talvez o maior contraste que nos faz atentar seria ao fato de como, em seus fundamentos “histórico-ontológicos”, trabalho e educação se fazem enquanto ligadas uma a outra. Se visto a luz da efêmera temporalidade humana:

Fundamentos históricos porque referidos a um processo produzido e desenvolvido ao longo do tempo pela

¹ De acordo com descrição da Revista Brasileira de Educação v.12 n. 34 de jan./abr. 2007, esse artigo foi “apresentado em sessão especial do Grupo de Trabalho ‘Trabalho e Educação’ na 29ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa e Educação (ANPEd), realizada em Caxambu, MG, de 16 à 20 de outubro de 2006.